

Trabalho de José Roberto Teixeira Leite apresentando Ivan  
na Exposição comemorativa do IV Centenário no MAM-RS  
25-3 a 25-4-65

IVAN SERPA

José Roberto Teixeira Leite

A presente exposição de obras de Ivan Serpa é testemunho da lenta e contínua caminhada do pintor à procura de si mesmo.

Penso poder dividir a atividade artística de Serpa em quatro períodos distintos:

1. Fase de iniciação, compreendendo o aprendizado (com um extraordinário mestre, Axel Leskochek) e os primeiros e ainda vacilantes passos, algo na direção aberta pelos componentes da Escola de Paris;

2. Encontro, na Primeira Bienal de São Paulo, com a arte dos construtivistas suíços, e consequente adoção de um estilo extremamente depurado, concreto (tal fase culminará com a atribuição ao artista do prêmio de viagem ao exterior, no Salão Nacional de Arte Moderna de 1957);

3. Fase de observação, na Europa, com o poderoso impacto causado na personalidade do pintor pelas pinturas rupestres de Altamira.

4. Fase pós-européia, de retôrno progressivo à figuração, a princípio tímida, depois ostensiva e afinal estertoricamente procurada.

Cada uma de tais fases compreenderia, a rigor, inúmeras outras subfases. Assim, após o encontro de 1951 com Sophie Tauber-Arp e outros concretistas suíços, Serpa tentou sucessivamente a pintura concreta a óleo, a pintura com materiais novos, a colagem, a prensagem de formas recortadas de papel colorido, etc. Também logo após o retôrno da Europa entregou-se o artista a uma série de experiências sucessivas, sofrendo por vêzes o impacto de artistas como, por exemplo, Julius Bissier. Sua atividade profissional como professor de arte infantil, no Museu de Arte Moderna, parece ter contribuído também para a cristalização de um novo estilo mais livre e espontâneo do artista, tal como, alguns anos antes, a faina de lidar com velhas estampas e carcomidos livros, na Biblioteca Nacional, levava-o a algumas sensibilíssimas experimentações de textura.

Na Europa, o pintor parece ter observado mais do que pintado, tal como, trinta anos antes, o grande Portinari. O fato é que Serpa que regressa ao Brasil, após ter interrompido por motivo de doença uma estada que deveria prolongar-se ainda por alguns meses, pouco tem a ver com o que dêle partiu, a não ser aquelas qualidades que o crítico Mário Pedrosa já realçara como constantes de seu temperamento: paciência, delicadeza, o bom acabado de quanto realiza. Só que Serpa, com o passar dos anos, cansou-se justamente do bom acabamento, da delicadeza e da paciência, e êle, que sempre se notabilizara por uma extraordinária sensibilidade, traduzida numa côr tôda timidez e pudicícia, explode afinal em formas nas quais dá vazão a uma vitalidade que antes lhe fazia falta.

mas sei se vou aproveitar

É característico da explosão temperamental do artista, por anos a fio atado a uma disciplina de trabalho que aparentemente não o satisfazia, o crescimento progressivo dos suportes. Seu campo pictórico amplia-se, desde os microcosmos estáticos de cinco, seis anos passados, aos vastos painéis de hoje, às composições desmesuradamente grandes que ameaçam transbordar das paredes internas às externas dos edifícios.

Tematicamente, de resto, dá-se estranha modificação: o artista, que ainda em 1960 e pouco depois sofria o impacto dos animais pré-históricos de Altamira, numa pintura em que a textura e a composição eram mais dignas de realce que a cor, passa a criar, numa série de monstros e mulheres de grandes dimensões e exuberante colorido, toda uma fauna mítica de elevado poder expressivo. Mais tarde, enfim, é a vez das imensas cabeças e das osteografias fantásticas, executadas em uma única sessão, e em preto e branco, como se o artista quisesse afastar, da tragicidade de seus temas atuais, os excessos da cor.

Se, do ponto de vista da psicologia da arte, muito é possível conjecturar acerca da predileção atual de Serpa pelos temas acima mencionados - aos quais se lança com verdadeira e inconfundível obsessão, dia após dia, há já tantos meses -, o essencial é destacar que o artista, do ponto de vista puramente estético, efetuou em minha opinião grandes progressos, nada perdendo em sensibilidade e, pelo contrário, ganhando em vitalidade e poder expressivo.

Ainda com relação aos quadros expostos na Galeria Tenreiro, em 1963, era possível falar-se de uma influência, pelos menos de um espírito afim ao do Grupo Cobra, em geral, e ao de pintores como Alechinsky, de modo todo especial. Presentemente, não: Serpa desenvolve uma pesquisa tipicamente pessoal, que irá conduzi-lo só Deus sabe a que consequências.

Uma coisa é certa: seus quadros não são decorativos, não se prestam, nem pelo tema, nem pelas dimensões, a ornar casas burguesas. Eis mais uma prova de coragem do artista, da independência suicida com que se vem lançando, ultimamente, à experiência criadora.

Com pouco mais de quarenta anos, dos quais quase vinte dedicados à pintura, Ivan Serpa, que conheceu o êxito do público e o reconhecimento da crítica, dentro e fora do seu país, abriu mão das posições conquistadas e lança-se, de corpo e alma, rumo ao desconhecido. Sua exposição de hoje não é uma retrospectiva: é, sim, uma tomada de consciência, após o que continuará o pintor a singrar o caminho que se propôs, e pelo qual segue com a inabalável certeza e com a desenvoltura que somente os autênticos criadores de formas soem exhibir.